

certos enigmas do psiquismo humano, lhe falta, no entanto, a chave da reencarnação, para solucionar integralmente as questões da alma. Impossível é resolver o assunto em caráter definitivo, sem as noções de evolução, aperfeiçoamento, responsabilidade, reparação e eternidade. Não vale descobrir complexos e frustrações, identificar lesões psíquicas e deficiências mentais, sem as remediar... Em suma, não satisfaz o simples exame da casca: é essencial atingir o cerne e determinar modificações nas causas. Para isto, é imprescindível confessar a realidade do reencarnacionismo e da imortalidade. Até lá, portanto, auxiliemos nossos amigos do mundo na conquista da confiança em si mesmos, na penetração da esperança divina e no contínuo auto-aprimoramento pelo trabalho redentor.

Calou-se o emissário, sorridente.

Outras perguntas surgiram, interessantes e oportunas, obtendo respostas claras e edificantes, com real proveito para todos os ouvintes.

Encerrada a reunião, retirei-me em silêncio, ao lado de Calderaro, que também se recolhia, como a reter a luz reveladora dos conceitos ouvidos. Não sei o que pensaria o prestatíssimo Assistente, submerso em funda meditação. Reconhecia tão só que, por minha vez, descobrira novo campo de conhecimento na província da sexologia. Daquele momento em diante, outras noções de amor desabrochavam-me na consciência, iluminando-me o ser.

## XII

### A ESTRANHA ENFERMIDADE

Acompanhando o abnegado irmão dos sofredores, penetrei confortável residência, onde Calderaro me conduziu, incontinente, à presença de um nobre cavalheiro em repouso.

Achámo-nos em elegante aposento, decorado em ouro-velho. Magnífico tapete completava a grata ambiente, exibindo caprichosos arabescos em harmonia com os desenhos do teto.

Estirado num divã, o enfermo que visitávamos engolfava-se em profunda meditação. Ao lado, humilde entidade de nossa esfera como que nos aguardava.

Aproximou-se e cumprimentou-nos, gentil.

As fraternais interpelações do Assistente, respondeu solícita:

— Fabrício vai melhorando; no entanto, continuam os fenômenos de angústia. Tem estado inquieto, aflito...

O orientador lançou expressivo olhar ao doente e insistiu:

— Mantém ainda o auto-domínio? não se abandonou totalmente às impressões destrutivas?

A interlocutora, revelando contentamento, informou:

— A Divina Misericórdia não tem faltado. O desequilíbrio integral, por enquanto, não erigiu seu império. Em nome de Jesus, nossa colaboração tem prevalecido.

Calderaro, então, fraternalmente indagou, dirigindo-se a mim:

— Chegaste, alguma vez, a examinar casos declarados de esquizofrenia?

Não adquirira conhecimentos especializados da matéria; todavia, não ignorava constituir esse morbo uma das mais inquietantes questões da psiquiatria moderna.

— Este ramo ingrato da Ciência, que estuda a patologia da alma — declarou o companheiro, compreendendo a minha insipiente — é, há muito tempo, campo de batalha entre fisiologistas e psicologistas; tal conflito é, em verdade, lamentável e bizantino, de vez que ambas as correntes possuem razões substanciais nos argumentos com que se digladiam. Somos, contudo, forçados a reconhecer que a psicologia ocupa a melhor posição, por esculpear o problema nas adjacências das causas profundas, ao passo que a fisiologia analisa os efeitos e procura remediar-los na superfície.

Logo após, o Assistente recomendou-me examinar a esfera mental do visitado.

Auseuntei-lhe o íntimo, ficando aterrado com as inquietudes que lhe povoavam o ser. O cérebro apresentava anomalias estranhas. Toda a face inferior mostrava manchas sombrias. Os distúrbios da circulação, do movimento e dos sentidos eram visíveis. Calderaro apresentara-me Fabrício, classificando-o como esquizofrênico; mas não estariámos, ali, perante um caso de neurastenia cérebro-cardíaca?

O instrutor ouviu-me pacientemente e observou:

— Diagnóstico exato, no aspecto em que o nosso amigo se apresenta hoje. A esquizofrenia, contudo, originando-se de sutis perturbações do organismo perispíritico, traduz-se no vaso físico por surpreendente conjunto de moléstias variáveis e indeterminadas. No momento, temos aqui a doença de Krishaber com todos os característicos especiais.

Mostrando grave expressão no semblante, acrescentou:

— Repara, contudo, além dos efeitos mutáveis. Analisa a mente e os domínios das sensações. Lancei mais profundamente a sonda de minha

observação sobre os quadros interiores do enfermo e percebi-lhe imagens torturantes na tela da memória.

Ensimesmado, Fabrício não se dava conta do que ocorria no plano externo. Braços imóveis, olhos parados, mantinha-se distante das sugestões ambientais; no íntimo, todavia, a zona mental semelhava-se a fornalha ardente.

A imaginação superexcitada detinha-se a *ouvir o passado...* Recordava-lhe a figura de um velhinho agonizante. Escutava-lhe as palavras da última hora do corpo, a recomendar-lhe aos cuidados três jovens presentes também ali, na paisagem de suas reminiscências. O moribundo devia ser-lhe o genitor, e os rapazes, irmãos. Conversaram, entre si, lacrimosos. De repente, modificavam-se-lhe as lembranças. O ancião e os jovens pareciam revoltados contra ele, acusando-o. Nomeavam-no com descalidas designações...

O doente ouvia as vozes internas, ansioso, amargurado. Desejava desfazer-se do pretérito, pagaria pelo esquecimento qualquer preço, ansiava de fugir a si próprio, mas em vão: sempre as mesmas recordações atrozes vergastando-lhe a consciência.

Verificava-lhe eu os estragos orgânicos, resultantes do uso intensivo de analgésicos. Aquele homem deveria estar duelando consigo mesmo, desde muitos anos.

Achava-me no exame da situação, quando uma senhora idosa surgiu no aposento, tentando chama-lo à realidade.

— Vamos, Fabrício! não se alimenta hoje?

O interpelado vagueou o olhar pela sala, esboçou uma resposta negativa sem palavras e deixou-se ficar na mesma posição.

A matrona insistiu, afável, mas não conseguiu demovê-lo. E porque prosseguisse, atenciosa, buscando ministrar-lhe um caldo, o enfermo levantou-se, de súbito, como se houvera repentinamente enlouquecido. Esbravejou expressões inconvenientes e

ingratas; rubro de cólera, repeliu o oferecimento, surpreendendo-me pela crise de nervos destrambelhados.

A esposa regressou ao interior da casa, enxugando os olhos, enquanto Calderaro me esclarecia, comovido:

— Está no limiar da loucura, e ainda não enveredou francamente pelo terreno da alienação mental, graças à dedicação de velha parenta desencarnada que o assiste, vigilante.

Logo após, o Assistente o submeteu a operações magnéticas de reconforto, vigorando-lhe a resistência.

Ante o neurastênico, mais calmo agora, narrou, com serenidade:

— Nossa irmão enfermo teve a infelicidade de apropriar-se indébitamente de grande herança, depois de haver prometido ao genitor moribundo velar pelos irmãos mais novos, na presença destes; ao se sentir, porém, senhor da situação, desamparou os manos e expulsou-os do lar, valendo-se de rábulas bem remunerados, desses que, sem escrúpulo, vivem de inquinar os textos legais. Por mais enérgicas e convincentes as reclamações arrazoadas, por mais comovedores os apelos à amizade fraterna, manteve-se ele em clamorosa surdez, arrojando os irmãos à penúria e a dificuldades de toda a sorte. Dois deles morreram num sanatório em catres da indigência, minados pela tuberculose que os surpreendeu em excessivas tarefas noturnas; e o outro desencarnou em míseras condições de infortúnio, relegado ao abandono, antes dos trinta anos, presa de profunda avitaminoose, consequente da sub-alimentação a que fora compelido. Tudo isto nosso desditoso amigo conseguiu fazer, escapando à justiça terrena; entretanto, não pôde eliminar dos escaninhos da consciência os resquícios do mal praticado; os remanescentes do crime são guardados em sua organização mental como carvões em paisagem denegrida, após incêndio devorador;

e esses carvões convertem-se em brasas vivas, sempre que excitados pelo sopro das recordações. O mau filho e perverso irmão, enquanto senhor dos patrimônios de resistência que a virilidade do corpo lhe permitia, lograva fugir de si mesmo, sem grandes dificuldades. O dinheiro fácil, a saúde sólida, os divertimentos e prazeres, desempenhavam para ele a função de pesadas cortinas entre o personalismo arrogante e a realidade viva. Todavia, o tempo cansou-lhe o aparelho fisiológico e consumiu-lhe a maioria das ilusões; pouco a pouco, encontrou-se a si mesmo; na *viagem de volta ao próprio eu*, viu-se, porém, a sós com as lembranças de que não conseguiria escoimar-se. Debalde intentou descobrir o bom-ânimo e o bem-estar: estes se lhe ocultavam. Impossível era concentrar-se no próprio ser, sem ouvir o pai e os irmãos, acusando-o, exprobrando-lhe a vileza... A mente atormentada não achava refúgio consolador. Se rememorava o pretérito, este lhe exigia reparação; se buscava o presente, não obtinha tranquilidade para se manter no trabalho sadio; e, quando tentava erguer-se a plano superior, desejo de orar ao Altíssimo, era surpreendido, ainda aí, por dolorosas advertências, no sentido de inadiável correção da falta cometida. Nesse estado espiritual, interessou-se timidamente pelo destino dos irmãos. As informações colhidas não lhe deixavam margem ao pagamento imediato: haviam todos partido, precedendo-o na grande jornada do túmulo. Desde então, verificando a impraticabilidade de rápida retificação do tortuoso destino, o infeliz fixou-se nas zonas mais baixas do ser. Perdeu as ambições nobres e os ideais sadios, passou a ignorar os recursos da esperança. As vantagens materiais, ao invés de confortá-lo, infundiam-lhe, agora, pavoroso tédio e indizível desgosto. Engrazado à máquina das responsabilidades financeiras, criadas por ele mesmo sem o espírito de possuir para dar em nome do Bem Universal, não lhe foi possível esquivar-se às imposições da vida

social, na qualidade de homem de alto comércio, até que baqueou, em supremo torpor. Sentindo-se incriminado no tribunal da própria consciência, começou a ver perseguidores em toda a parte. Adquiriu, assim, fobias lamentáveis. Para ele, todos os pratos estão envenenados. Desconfia de quase todos os familiares e não tolera as antigas relações. O excesso de recursos materiais fê-lo descrente da amizade sincera, conferiu-lhe noções de privilégio que nunca mereceu, acentuou-lhe a independência destrutiva, extinguiu-lhe no coração a bendita luz do verbo "servir". Como vemos, sua situação é absolutamente desfavorável ao necessário reerguimento. A condição, que se impôs pelos desejos menos nobres que sempre nutriu, é de apatia e de esterilidade...

A essa altura da narrativa, Calderaro apontou em particular o cérebro doente, e explicou:

— O sistema nervoso, que se liga à câmara encefálica através de processos indescritíveis na técnica da ciência humana, mais não é do que a representação de importante setor do organismo perispíritico, segundo acabamos de estudar. A mente falida de Fábrício, experimentando insistentes remorsos e aflitivas preocupações, intoxica esses centros vitais com a incessante emissão de energias corrutoras. Consequentemente, verificou-se o que em boa psiquiatria poderíamos designar por "lesão generalizada do sistema nervoso". Tal desastre atingiu, em primeiro lugar, as sedes das conquistas mais recentes da personalidade, isto é, as células e os estímulos mais jovens, que se localizam nos lobos frontais e no córtex motor, inutilizando temporariamente o nosso amigo, para a meditação elevada e para o trabalho sadio, e obrigando-o a regredir, no terreno espiritual, para dentro de si mesmo. De mente estacionária agora, em plena região instintiva da individualidade, nosso enfermo ainda não se acha positivamente desequilibrado, graças à continua assistência de nosso plano.

Calando-se o Assistente, ousei interrogar:

— Mas há esperança de reequilíbrio para breve?

— Absolutamente não — respondeu o interpellado, de maneira significativa —; no caso dele, funcionariam em vão as terapêuticas em uso. O espírito delinquente pode receber os mais variados gêneros de colaboração, mas será imperiosamente o médico de si mesmo. A Justiça Divina exerce invariável ação, embora os homens não a identifiquem no mecanismo de suas relações ordinárias. Os criminosos podem, por muito tempo, escapar ao corretivo da organização judiciária do mundo; no entanto, mais cedo ou mais tarde, vaguearão, perante os seus irmãos em humanidade, em baixo terreno espiritual, representado no quadro de aflições punitivas. Para os familiares e amigos, Fábrício é um esquizofrênico, incapaz de resistir às aplicações do choque insulínico em virtude do coração frágil e cansado; todavia, para nós é um companheiro acidentado na ambição inferior, curtindo amargos resultados de seus propósitos de dominar egoisticamente na vida.

Interrompendo-se o orientador, dei guarida a interrogações naturais no campo íntimo.

Se o doente não oferecia perspectivas de melhorias substanciais, qual o objetivo de nossa assistência? porque nos demorarmos à frente de um caso insolvível, qual aquele, pela impossibilidade de próximo reencontro entre o criminoso e suas vítimas?

Calderaro não me deixou sem resposta.

— Estamos aqui — elucidou, atencioso —, a fim de proporcionar-lhe morte digna. Não chegará a enlouquecer em definitivo. Com o nosso concurso fraterno, desencarnará antes do eclipse total da razão.

E porque me mostrasse espantado, o prestimoso amigo acrescentou:

— Fábrício desposou uma criatura, por todos

os títulos credora do amparo celestial, e essa mulher quase sublime deu-lhe três filhos, aos quais ele se consagrou nobremente, preparando-os para elevado ministério social. São eles, presentemente, dois professores e um médico, dedicados ao ideal superior de servir ao bem coletivo. Fabrício não tem o direito de perturbar a família organizada à sombra de seu amparo material, mas educada sem o seu personalismo despótico. Pelo serviço que prestou à esposa e aos filhos, recebe do Alto o socorro de agora, de maneira a transferir residência, por imposição da morte, preparado para o futuro de reajustamento. As preces da companheira e dos filhos garantem-lhe uma "boa morte" próxima, para a qual vamos organizando as suas energias e habituando *pari passu* a família a permanecer em missão ativa no bem sem a presença material dele.

Silenciou o Assistente, dispondo-se a fazer-lhe aplicações magnéticas no aparelho circulatório.

Demorou-se minutos longos administrando-lhe forças ao redor dos vasos mais importantes e, em seguida, desenvolveu passes longitudinais, destinados à quietação dos nervos.

Ante minha admiração natural, Calderaro explicou-se:

— Preparamos acesso à trombose pela calcificação de certas veias. A desencarnação chegará suavemente, dentro de alguns dias, como providência compassiva, indispensável à felicidade do enfermo e de quantos lhe seguem de perto o martírio.

O doente, mais calmo, parecia haver sorrido milagroso analgésico. Aquietou-se, descansando a cabeça nos travesseiros alvos.

Dentro do silêncio que se fizera entre nós, indaguei, curioso:

— Considerando, no entanto, o decesso, em breves dias, como prosseguirá o processo de resgate do nosso amigo?

— A liquidação já começou — redarguiu o instrutor, sereno.

— Como?

Calderaro fez expressivo gesto e recomendou:

— Espera.

Nesse mesmo instante, o enfermo acionou a campainha à cabeceira. A esposa atendeu, à pressa. Encontrou-o melhor e sorriu, feliz.

O velho, mais tranquilo, rogou:

— Inês, posso ver o Fabricinho?

— Como não? — respondeu a companheira delicadamente — vou buscá-lo.

Em poucos minutos, regressava trazendo um menino de seus oito anos. O pequeno atirou-se-lhe aos braços esqueléticos, com extremado carinho, e perguntou:

— Está melhor, vovô?

O doente contemplou-o, enternecido, informando:

— Estou melhor, meu filhinho... Porque não veio de manhã?

— Vovô não deixou.

— Sim, é verdade; eu não me achava bem...

A senhora retirou-se, para acompanhar a cena do outro lado da cortina.

Avô e neto sentiram-se mais à vontade.

Totalmente transfigurado com a presença do menino, nosso quase demente amigo suplicou:

— Fabricinho, eu desejo que você reze por mim...

O petiz não se fez rogado.

Ajoelhou-se ali mesmo e disse, respeitosamente, a oração dominical.

Terminada a prece, o doente pediu, de olhos húmidos:

— Não se esqueça, meu filho, de orar por mim quando eu morrer.

O menino, agora de pé, enlaçou-lhe o busto e exclamou, chorando discretamente:

— O senhor não morrerá!

Mostrando-se aliviado, o velhinho correspondeu ao gesto afetivo, fitou o neto e inquiriu, com estranho fulgor no olhar:

— Fabricinho, você acredita que Deus perdoa aos pecadores como eu?

O pequeno respondeu, lacrimoso e confundido:

— Eu acho, vovô, que Deus perdoa a todos nós.

Revelando as ansiedades que lhe povoavam a alma, voltou à indagação:

— Mesmo a um homem que trai a confiança paterna e rouba aos irmãos?

O netinho hesitou, incapaz de apreender toda a extensão daquela pergunta intencional; entretanto, no desejo de agradar ao doente, de qualquer modo, balbuciou com toda a simplicidade infantil:

— Eu penso que Deus perdoa sempre...

— E' o que eu pretendia saber — acentuou o velhinho, mais confortado.

A conversação entre ambos prosseguiu afetuosa e amena.

Após detido exame, Calderaro apontou para a criança e esclareceu:

— Este menino é o ex-pai de Fabrício, que volta ao convívio do filho delinquente pelas portas benditas da reencarnação. E' o único neto do enfermo e, mais tarde, assumirá a direção dos patrimônios materiais da família, bens que inicialmente lhe pertenciam. A Lei jamais dorme.

Assombrado com a informação, remoí as perguntas que me afloravam, espontâneas.

Como se redimiria, por sua vez, o velho Fabricio? Regressaria também, em dias futuros, àquele mesmo lar? Sofreria o desequilíbrio completo, depois da morte do corpo denso? Demorar-se-ia em perturbação?

Calderaro, dando por findos nossos trabalhos de assistência na casa, sorriu para mim, preparou-se para a retirada e obtemperou:

— Nosso amigo enfermo, guardando na mente os resíduos da ação criminosa, logo após o aban-

dono do domicílio fisiológico experimentará, por muito tempo, os resultados de sua queda, até que o sofrimento alije os elementos malignos que lhe intoxican a alma. Quando esse serviço purgatorial estiver completo, então...

— Regressará aos seus familiares? — inquiri, ansioso, ante a frase suspensa.

— Se o grupo consanguíneo atual houver elevado o padrão espiritual a luminosas culminâncias, será compelido a esforçar-se intensivamente pelo alcançar. Entretanto, jamais estará desamparado. Todos temos a imensa família, dentro da qual nos integramos desde a origem — a Humanidade.

Nesse instante, abandonávamos o aposento suntuoso.

Em breves segundos, tornávamos à Natureza, gozando a bênção do céu muito límpido. E enquanto o meu instrutor se refugiava em si mesmo, atento às responsabilidades do serviço, dei expansão a novos pensamentos, relativos à amplitude e à grandeza do império da justiça.